

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Laura Marin Gonçalves

DISCURSOS EM DISPUTA:
O PAPEL DO SETOR EDUCATIVO NO CONFRONTO DE NARRATIVAS NO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (RJ)

Museologia, Cultura e Educação

SÃO PAULO
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PUC-SP

Laura Marin Gonçalves

DISCURSOS EM DISPUTA:
O PAPEL DO SETOR EDUCATIVO NO CONFRONTO DE NARRATIVAS NO
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL (RJ).

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de ESPECIALISTA em **Museologia, Cultura e Educação**, sob a orientação do Prof., Dr. **Carlos Lima Junior**.

SÃO PAULO

2022

Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Sandra Regina e Mario Gonçalves, por todo apoio e carinho incondicional. Agradeço aos meus avós, Anna e Domingos, pela torcida e sorrisos. Agradeço ao meu querido orientador Carlos Lima Junior, por toda troca e aprendizado, por ser uma das pessoas mais sensíveis e compreensivas que já conheci.

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a disponibilidade e solicitude da equipe do Museu Histórico Nacional, agradeço aqui nas pessoas de Diogo Tubbs e Fernanda Castro que, tanto online, como presencialmente, me receberam de forma muito atenta e cuidadosa, me disponibilizando dados preciosos para a continuidade da pesquisa. O trabalho de vocês me inspira, que sigamos na luta pela nossa profissão, de educadores museais.

Aos meus colegas da especialização Vitória, Adnam, Franco, Leo e Júlia obrigada pela parceria, colo, desabafo e risadas, teria sido impossível sem vocês.

Aos meus amigos de infância Gabriela, Beatriz, Marcos, Julia, Guilherme, Ana Clara, Carol, Giovanna, Mel, Francisco, Matheus e Gabriel, obrigada por serem minha família, por me incentivarem a seguir meu caminho e minhas escolhas.

Por fim, agradeço às minhas parceiras de trabalho Mariana, Marina, Amanda e Melina, por aguentarem me ouvir falando tanto desse trabalho nos últimos meses, contribuindo muito com sua escuta e conselhos.

Dedico este trabalho aos educadores museais que se empenham em promover novos olhares ao que já estava estabelecido.

RESUMO

A presente monografia busca discutir a importância do setor educativo em seu papel ativo e atuante dentro da equipe do museu a partir do estudo de caso do Museu Histórico Nacional (RJ), suas recentes ações educativas e seus novos olhares para o acervo, evidentes a partir de exposições como “Brasil decolonial: novas histórias”. Para tanto, atentar-se para um breve histórico do Museu enquanto instituição, desde sua constituição, em diferentes concepções, de cunho educativo, em seguida, de uma análise das ações educativas e a política educacional, evidenciando a potência e resultados de narrativas críticas em museus históricos, colocando o educador museal como principal ator e responsável neste processo

Palavras-chave: Educativo. Narrativas. Perspectiva.

ABSTRACT

This article intends to discuss the importance of the education sector in an active role inside the museum staff. From the case study of Museu Histórico Nacional (RJ), educative actions and the new looks at the collection, evident in exhibitions like “Brasil decolonial: novas histórias”. Going through a brief history of the museum, which has been, since the beginning of the institution, in different constitutions, an educative space. Followed by an analysis of the executive actions and educational policies, evidencing the power and results of critical narratives in historical museums, placing the museum educator as the main actor and responsible for this process.

Keywords: Educative. Narratives. Perspective.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Charge publicada na revista D. Quixote por ocasião da inauguração do Museu Histórico Nacional, Klixtó.....	13
Imagem 2 - Foto da Sala Miguel Calmon, do antigo circuito permanente de exposição. Casa do Trem, década de 40.....	15
Imagem 3 - Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante.....	17
Imagem 4 - Detalhe da Sala da República, vendo-se ao fundo a roda do leme do vapor “Alagoas”.....	18
Imagem 5 - Sala D. Pedro I.....	18
Imagem 6 - Recanto da Sala Princesa Isabel, vendo-se o trono do Senado do Império.....	19
Imagem 7 - Serviços Imperiais - D. Pedro I, Sala dos Vice-Reis.....	20
Imagem 8 - Còche do serviço diário de D. Pedro II.....	20
Imagem 9 - Atividade Educativa: vivência de situação específica.....	23
Imagem 10 - Sala parte do módulo expositivo: Construção da nação.....	27
Imagem 11 - Sala parte do módulo expositivo: Construção da nação.....	28
Imagem 12 - Sala parte do módulo expositivo: A cidadania em construção, 1889 à atualidade.....	28
Imagem 13 - D. Pedro II, óleo sobre tela.....	38
Imagem 14 - Texto de parede: Riqueza e Escravidão.....	46
Imagem 15 - Pinturas de Leandro Joaquim (1738-1798).....	47
Imagem 16 - Liteira.....	48

SUMÁRIO

1. Introdução.....	9
2. O Museu Histórico Nacional e a pedagogia de uma história única para o Brasil em tempos de Gustavo Barroso.....	12
3. A pedagogia museológica e a Sociomuseologia: perspectivas teórico-metodológicas.....	30
4. A educação museal no Brasil e seus os desafios do Museu Histórico Nacional	34
5. Exposição “Brasil decolonial: outras histórias”: um caminho para pensar a reformulação dos acervos em 2022	43
6. Considerações finais.....	50
7. Referências.....	53

1. Introdução

O presente trabalho de conclusão de curso busca discutir a presença do educador no espaço museal, levando em consideração sua importância e impactos neste espaço. Ser a única pedagoga do curso de especialização da PUC-SP em Museologia, Cultura e Educação (2020-2022) me fez refletir sobre o quanto o espaço do museu não é ocupado plenamente por pedagogos/as, e nem estes são incorporados em suas decisões, projetos e setores educativos devidamente

Com o avançar da discussão, partindo de uma visão antirracista e decolonial, decidi estudar o Museu Histórico Nacional (MHN), situado na capital do Rio de Janeiro, que atualmente está apresentando uma reformulação de sua exposição permanente a partir de questionamentos, com uma equipe educativa composta também por pedagogos, comprometida com o desenvolvimento do senso crítico, com a profissionalização do educador museal e revisão de suas práticas. Neste ano de 2022, com as efemérides do bicentenário da Independência e do centenário do próprio MHN, criado em 1922, pude me ater ao que está sendo reformulado na visão, interpretação e exposição do acervo em questão. Compreendo o museu enquanto espaço de reflexão, educação e formação integral.

Em meio as aulas do curso, relacionando com meu dia a dia profissional do cotidiano escolar¹, desde o início me chamou a atenção ações educativas que propunham iniciativas críticas para o que já estava posto dentro de espaços museais. Fui apresentada ao MHN na disciplina *História das instituições de memória: discursos, memórias e identidades, por meio de museus, coleções e acervos*, ministrada pelo Prof. Dr. Carlos Lima Junior no segundo semestre de 2021. A partir das reflexões propostas, pude perceber que, apesar da instituição centenária ser um espaço celebrativo da memória nacional, chegando a ser entendido como uma “Casa da saudade” no momento de sua criação, em 1922, possui iniciativas de profissionais ligadas ao setor educativo, que estão sendo

¹ Laura Marin Gonçalves é graduada em Pedagogia pela PUC-SP em 2020 e atua, desde então, no Ensino Fundamental 1.

construídas a partir de uma visão bastante crítica sobre aquele acervo formado ainda nas primeiras décadas do século XX, que compreendia objetos ligados, sobretudo, à elite do período imperial, como louças brasonadas, retratos de homens e mulheres abastados, joias, meios de transportes utilizados pela família imperial e membros da aristocracia e etc.²

Entrei em contato com as ações educativas, ainda em tempos de pandemia de Covid-19 quando o museu se encontrava fechado. Remotamente, pude participar de um "Bonde da História" disponível no *YouTube*, quando tive acesso, também, aos cadernos de educação museal que estão disponíveis no site da instituição, além do plano museológico e documentações pedagógicas como o Programa Educativo Cultural. Com o objetivo de conhecer o Museu, fiz duas viagens ao Rio de Janeiro. Nesse período, o museu estava funcionando com horário reduzido, atendendo apenas de quinta a domingo. Ao entrar em contato com a equipe da instituição, todos foram muito receptivos e atenciosos ao me receberem em abril de 2022. Em julho do mesmo ano, retornei ao Rio de Janeiro, porém o museu estava fechado para reparos na estrutura. No mesmo mês, realizei o Curso Básico de Educação Museal, que ocorreu em parceria do MHN com o Centro Cultural Light³. O curso trouxe reflexões e troca de vivências com profissionais do Rio de Janeiro, que estão presentes nas discussões deste trabalho.

Isso posto, a presente monografia busca fazer um levantamento das ações educativas que estão em processo, apontando caminhos para que estas boas práticas possam se manter na instituição lá e adentrar outros espaços. Os capítulos se dividem em: um breve histórico do museu, visando elencar sua trajetória educativa, pontuando seus marcos e conquistas, discussões e projeções, com estudos teóricos de Aline Montenegro Magalhães, Regina Abreu e Mário Chagas; reflexões que impactaram a minha formação enquanto museóloga, interessada na potencialidade do educativo dentro das instituições museais, passando por uma análise documental da Política Educacional,

² MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Culto da saudade na casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

³ O curso contou com os professores Jonathan da Silva (coordenador do setor educativo do Museu Light) e Fernanda Castro (Diretora técnica do MHN) que ocorreu nos dias 26, 27 e 28 de julho de 2022, no Rio de Janeiro.

debatendo as teorias de Hooper-greenhill e Basil Bernstein, e discorrendo sobre a importância da exposição-intervenção “Brasil decolonial: outras histórias”, justificadas pelas teorias decoloniais de Bruno Brulon e da Sociomuseologia, defendida por Cristina Bruno e Judite Primo.

As reflexões contidas neste escrito permitem pensar novas possibilidades para os espaços museais tradicionais, a partir do exemplo de boas práticas realizadas no Museu Histórico Nacional. Trazer novos olhares e novas narrativas para espaços com narrativas excludentes, que tratam do nacional a partir de uma só visão; torná-la plural.

2. O Museu Histórico Nacional e a pedagogia de uma história única para o Brasil em tempos de Gustavo Barroso

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada. (ADICHIE, 2019, p. 32).

Do gabinete de curiosidades ao museu dialógico, a trajetória dos espaços de memória segue em constante transformação. Os museus normativos⁴ são instituições que contam uma única história sobre determinado momento histórico, fazendo com que uma “verdade” seja instituída, assim outras histórias e pontos de vista ficam de fora do seu discurso. É um *lugar de memória*⁵.

O Museu Histórico Nacional, localizado na praça Marechal Âncora, no centro da cidade do Rio de Janeiro, é um exemplo de museu normativo que atualmente, por meio do setor educativo, apresenta novos olhares para seu acervo. O MHN foi fundado no dia 2 de agosto de 1922, através do decreto n.º 15.596, no âmbito das comemorações do centenário da independência. Epiácio Pessoa, então presidente do Brasil, nomeou Gustavo Dodt Barroso (1888 - 1959), advogado, professor e museólogo, para ser o primeiro diretor do museu. Vale ressaltar que as obras políticas de Barroso “tinha o integralismo como principal discurso doutrinário político” (FARIA, 2013, p. 27), com posição anti semita. Fato que não será analisado neste trabalho, mas é de fundamental citação e crítica contrária a esta posição de Barroso, que certamente nos auxilia a entender sua visão de Brasil e superioridade branca, hegemônica e colonialista marcada na história da constituição do Museu Histórico Nacional. Barroso deu início a coleção

⁴ Os museus históricos, colocados aqui como museus normativos, possuem uma ordem hegemônica em seus acervos e esperam essa mesma posição de seus públicos. BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Sinergias e enfrentamentos: as rotas percorridas que aproximam a museologia da sociomuseologia. In: MOUTINHO, Mario; PRIMO, Judite. Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do Mundo in **Teoria e prática da Sociomuseologia**. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED). Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Catedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural”. Lisboa, 2021, p.60.

⁵ Expressão utilizada por Pierre Nora, a partir de 1984, para definir espaços que utilizam a memória como fonte histórica.

por meio de uma coleta de objetos, criticados na época como "acúmulo de lixo", por sua suposta ausência de critério e forma de aquisição duvidosa⁶.

Imagem 1 - Charge publicada na revista *D. Quixote* por ocasião da inauguração do Museu Histórico Nacional, Klixto.



Fonte: Catálogo de 2013 do Museu Histórico Nacional.

A charge acima, publicada na revista *D. Quixote* na época da inauguração do museu (1922), representa criticamente a maneira que estava sendo formulado o acervo do museu, de forma um tanto aleatória, por Gustavo Barroso. O diretor por meio de uma coleta de "antiguidades", apresentadas dentro de uma carroça, reunia uma série de objetos tidos por "históricos", coletados a partir de uma série de instituições do Rio de Janeiro, como o Museu do Exército, o Museu do Arquivo Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro. O então diretor estabeleceu que apenas entrariam no museu artigos que possuíssem valor histórico (pertencentes a figuras históricas) ou valor artístico (produções

⁶ MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Evocação do passado e entendimento da história nacional.** In GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado & RAMOS, Francisco Régis Lopes(org.). *Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu.* Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, p. 337-365, 2010.

conforme os parâmetros das academias de arte do Brasil). Para tal seleção, possuía critérios duvidosos, considerando que muitos dos objetos que pertenciam a sua própria família fossem incorporados ao museu sem ressalvas⁷.

Sob a égide da tradição, a nação era concebida como uma construção cujas bases teriam sido edificadas num passado remoto, a que a República apenas dava continuidade. Barroso, opunha-se aos que viam na República uma ruptura com relação ao Império. Privilegiava o aspecto de permanência (em detrimento da mudança) em sua construção histórica da nacionalidade. Desse modo, buscava recuperar os elos que interligam passagens do todo nacional na linha do tempo. Nessa construção, eram atribuídos valores a períodos considerados notáveis (Barroso referia-se ao Império como meio século de bondade). (ABREU, 1966, p.170)

Dentre os objetos coletados nos primeiros anos de funcionamento, constata-se uma ausência de referência a outros grupos da sociedade para além da elite do período Imperial. Dessa maneira, indígenas e negros não apareciam em posição de destaque, como atuantes da sociedade civil, mas sim com sua existência atrelada a grupos dominantes. O fim da escravidão, por exemplo, estava tido como um ato de “bondade” da monarquia, centrado na figura da Princesa Isabel e na assinatura da Lei Áurea⁸, relacionando o fato a uma tentativa de Gustavo Barroso de “colocar cada Brasil em seu Museu”⁹. Por ser um folclorista, relatava as histórias dos negros e indígenas com um viés alegórico, como se não fizesse parte da mesma história retratada no museu a partir dos brancos, tidos e colocados num posto de heróis e heroínas, fazendo com que o passado e as memórias das elites e dos grupos populares fossem tratados de maneiras distintas, excludentes.

⁷ MAGALHÃES, Aline Montenegro. Op. cit., 2010, p.337-365.

⁸ Idem, p.337-365.

⁹ Idem, p. 337-365.

Imagem 2 - Foto da Sala Miguel Calmon, do antigo circuito permanente de exposição. Casa do Trem, década de 40.



Sala Miguel Calmon, do antigo circuito permanente de exposição, Casa do Trem, década de 40.

Fonte: catálogo de 1989 do Museu Histórico Nacional.

A imagem acima foi retirada do catálogo de 1989 do Museu Histórico Nacional, retratando a sala Miguel Calmon, que integrava o circuito da exposição permanente, na Casa do Trem, na década de 1940. É possível identificar a maneira que a expografia de Gustavo Barroso foi pensada. Chama-nos a atenção a ausência de ordem cronológica, em vista que as obras estavam organizadas de um modo que não houvesse dúvidas em relação ao passado ali remontado, que teria ocorrido exatamente daquela forma, evitando questionamento dos visitantes. As obras não se apresentavam para perguntas, mas sim para "ilustrar o passado" daquele ponto de vista ufanista projetado sobre a história nacional. As legendas eram compostas apenas pelo nome do doador, que era considerado importante, de maneira que pudesse atestar a autenticidade do objeto exposto. Ainda em 1924, na exposição inaugural, Barroso montou um catálogo, meramente ilustrativo.

Neste aspecto podemos ressaltar o próprio nome do Museu, que se diz Nacional, sendo assim, almejava representar um imaginário de uma identidade de toda uma nação, mas a partir do Rio de Janeiro (até então Capital Federal da República) e de figuras proeminentes da política, ou de famílias abastadas, que atuaram sobretudo durante o período imperial. É possível se questionar, portanto,

quais histórias estavam representadas neste cenário? Para quem? Qual identidade estava sendo construída em torno do discurso da nação no momento de sua abertura que celebrava justamente os cem anos de Brasil Independente?

O MHN conta com uma quantidade significativa de pinturas históricas, produzidas de meados do século XIX e inícios do XX. Tais obras, antes de representações do passado, eram incluídas nas mostras como imagens fidedignas do evento histórico que buscavam retratar. Ou seja, a interpretação dos fatos contidas nesses quadros não era realizada de forma crítica, apenas a partir de uma apreciação passiva¹⁰. Até porque, segundo o próprio Barroso: “A vida dinâmica dos museus deve ser pautada por este princípio: instruir, seduzindo”¹¹. Tal afirmativa transparecia a visão barrosiana do museu, justificando, assim, as escolhas pedagógicas implícitas na forma de expor a coleção nesta época.

A maneira de organizar as galerias passou por modificações nos três anos em que Gustavo Barroso esteve afastado de seu cargo de diretor do museu, entre 1930 e 1932. Em 1930, Rodolfo de Amorim Garcia, um *revisionista histórico*, que buscava analisar os acontecimentos históricos descritos por autores consagrados, corrigindo erros, assumiu a direção do complexo. Por mais curta que tenha sido sua diretoria, impôs mudanças importantes ao museu, como a primeira exposição temporária “Exposição comemorativa do Centenário da Abdicação de D. Pedro I”, além da organização das galerias por período histórico e da legenda das obras com nome referente aos acontecimentos, e não mais aos doadores, como era feito pelo antigo diretor.

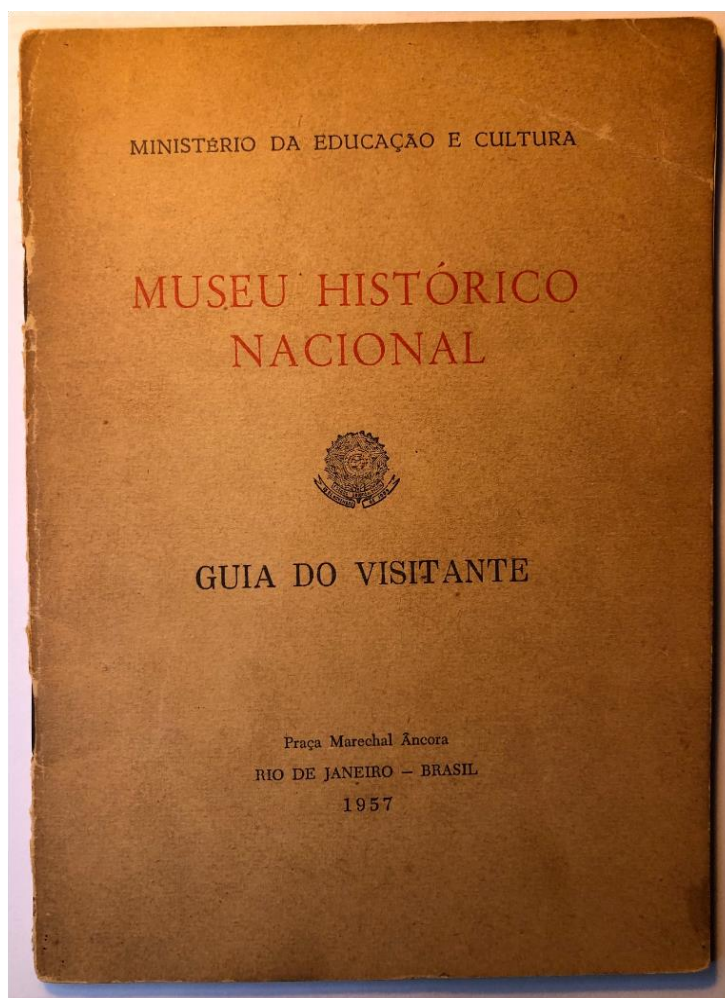
Barroso, de volta à diretoria do museu até o ano de sua morte (1959), deu continuidade ao que Garcia propôs como, por exemplo, a implementação do Curso de Museus em 1932, o primeiro curso no Brasil para a formação de profissionais da área. Em 1941 foi lançado o primeiro volume dos *Anais do Museu Histórico Nacional*, que permanecem, até os dias atuais, para divulgação das produções acadêmicas da equipe, ou em referência ao museu e seu acervo. Em 1957 foi instituído o *Guia do visitante*, com certa preocupação educativa já

¹⁰ GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representação e escrita da história. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material** [online]. 2007, v. 15, n. 2, p. 11-30.

¹¹ BARROSO, 1951, apud MAGALHÃES, 2010, p.25.

apresentava em seu interior a ordem que a visita deveria ser realizada, com ausência de textos, conforme mencionado acima, uma vez que a proposta barrosiana era de que a imagem e objeto falasse por si só sobre o passado, sem qualquer problematização acerca dele.

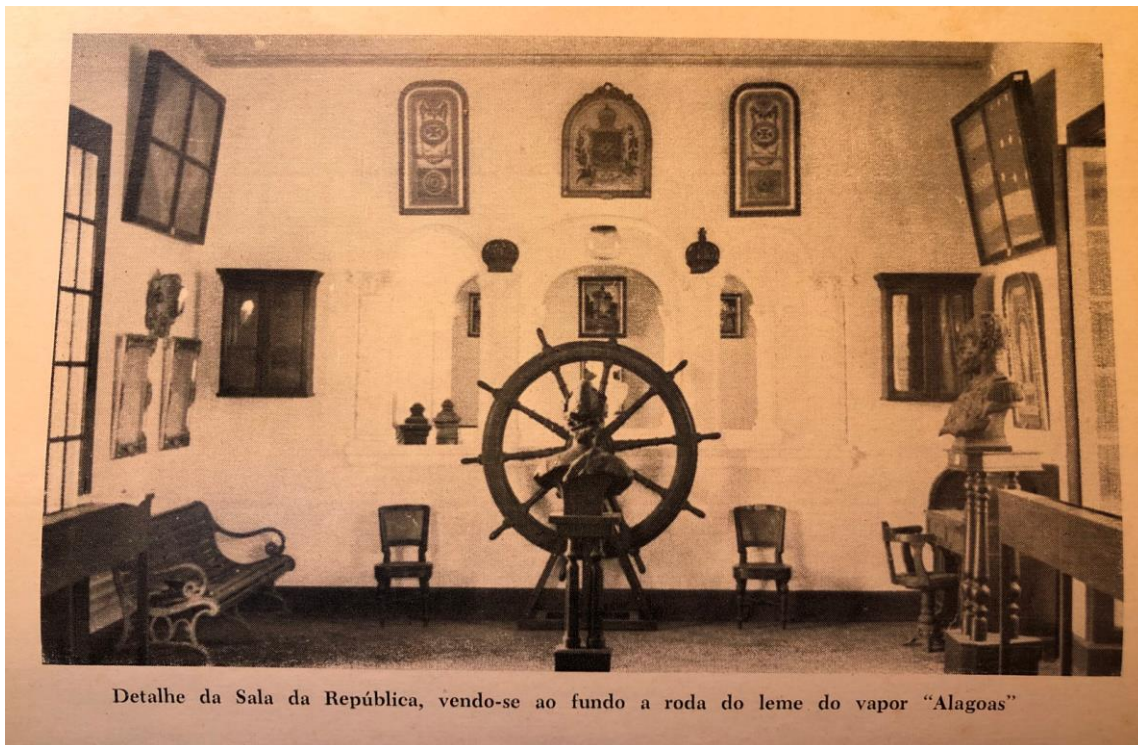
Imagem 3 - Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante.



Fonte: Ministério da Educação e da Cultura, Rio de Janeiro, 1957.

As imagens abaixo, retiradas do *Guia do Visitante*, demonstram seu caráter ilustrativo por meio das legendas, muitas vezes inexistentes, como a Imagem 4 em que consta uma foto da Sala da República com a seguinte descrição “vendo-se ao fundo a roda do leme do vapor ‘Alagoas’”, para dar destaque a determinado objeto, porém, sem grandes explicações sobre ele, sem o deixar resultar em quaisquer reflexões sobre o passado, apenas informar.

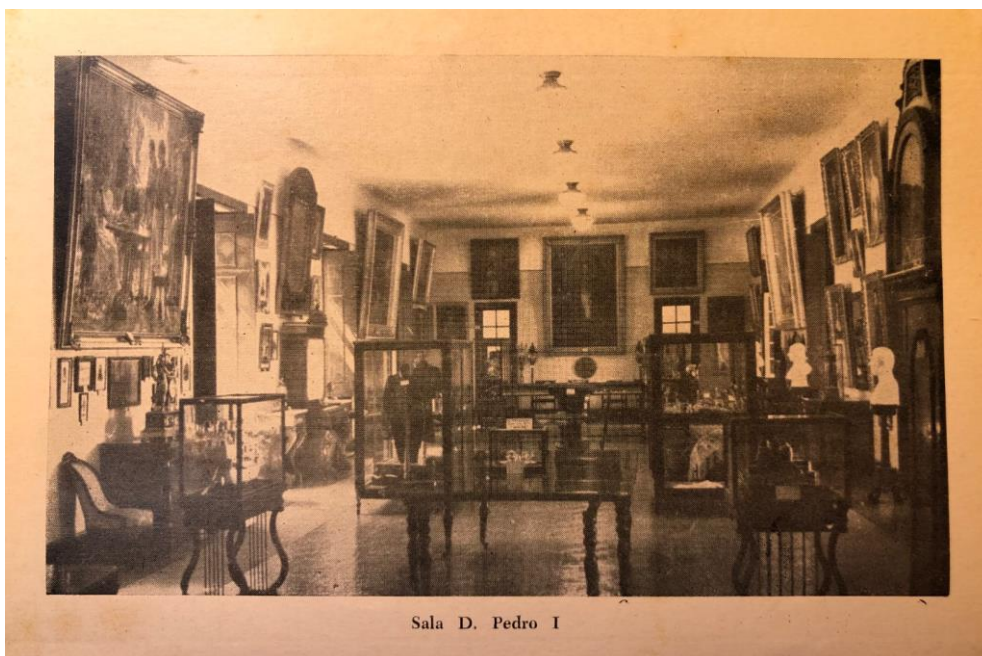
Imagem 4 - Detalhe da Sala da República, vendo-se ao fundo a roda do leme do vapor "Alagoas".



Detalhe da Sala da República, vendo-se ao fundo a roda do leme do vapor "Alagoas"

Fonte: Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1957.

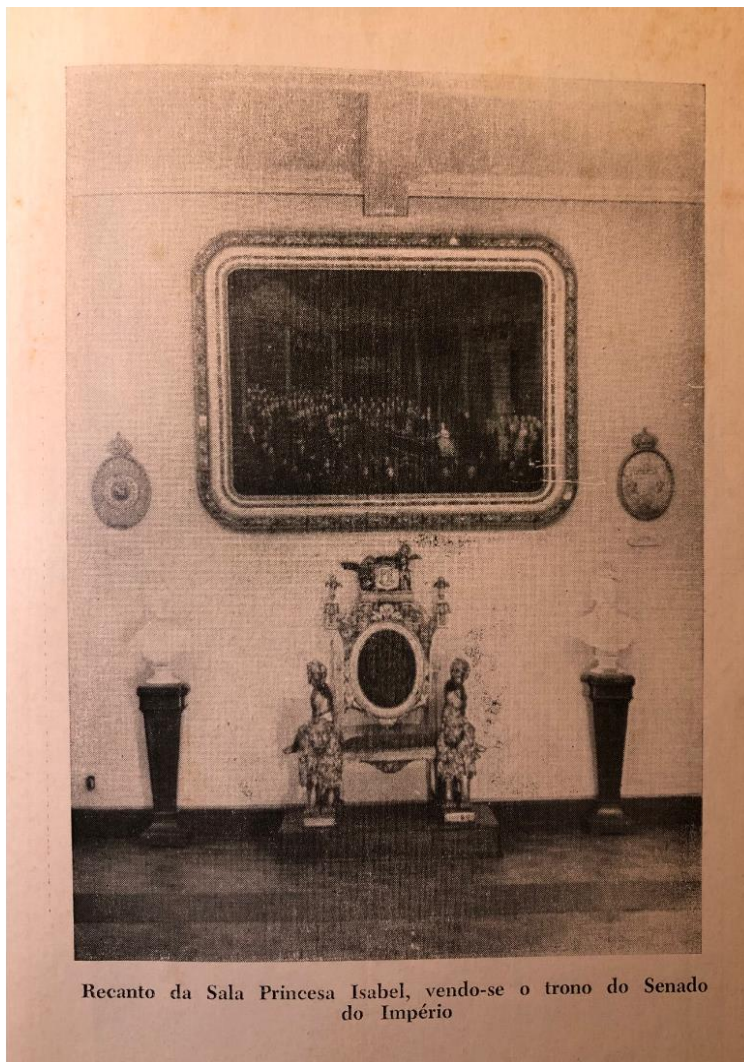
Imagem 5 - Sala D. Pedro I.



Sala D. Pedro I

Fonte: Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1957.

Imagem 6 - Recanto da Sala Princesa Isabel, vendo-se o trono do Senado do Império.



Fonte: Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1957.

Imagem 7 - Serviços Imperiais - D. Pedro I, Sala dos Vice-Reis.



Fonte: Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1957.

Imagem 8 - Còche do serviço diário de D. Pedro II.



Fonte: Museu Histórico Nacional. Guia do Visitante. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1957.

Desde a sua fundação, Barroso firmou um compromisso do MHN com a educação. No entanto, por se tratar de um museu nacional, o civismo e a formação a partir da narrativa do museu eram promessas a serem cumpridas por seu primeiro diretor. No período de 1922 a 1960 ocorreu a consolidação das práticas educativas, há registros de visitas de grupos escolares no período de 1920 a 1930.

Na Política Educacional e Cultural (PEC) do Museu Histórico Nacional, os momentos de atuação do setor educativo do museu aparecem de forma mais detalhada. A seguir, são destacados alguns desses momentos fundamentais para o estágio que o museu se encontra hoje.

Em 1932, como citado anteriormente, o “Curso de Museus”, primeiro curso da América Latina dirigido à formação do profissional de museu, se instaurou no MHN. Muitos dos alunos e alunas do curso trabalharam no museu durante e após o período de formação. Em 1940 as visitas passam a ser acompanhadas pelos conservadores. O ano de 1947 merece um destaque para uma das figuras que reconheceu a importância do setor, a conservadora Nair de Moraes Carvalho, que publicou o artigo “Papel educativo do Museu Histórico Nacional” nos anais do MHN. Neste artigo, Carvalho (1947) discorre sobre a importância da criação do curso de museus em 1932, da inspeção dos monumentos e das aulas dadas pelos conservadores para o grupo de visitantes.

O período de 1940 a 1950 foi marcado pela profissionalização da ação educativa. O Seminário Regional da UNESCO, em 1958, aconteceu no Rio de Janeiro e discutiu principalmente a função educativa dos museus. Ocorrido no período pós-guerra, foi marcado por disputas no que se diz respeito a diferentes visões de mundo e profissionais. Em específico no caso do Brasil, a museologia tradicional barrosiana enfrentou a emergência de novos conceitos, a partir de embates entre discursos colonialistas frente a críticos com base em experiências nacionais, com focos educacionais nos museus. O seminário contou com a participação ativa de professores do Curso de Museus e de funcionários do MHN. Porém, Gustavo Barroso não foi ao evento, o que demonstra que sua museologia

não poderia mais ser considerada a única e predominante. Isso ficou claro com a dita “discussão entre educadores e funcionários de museus”.¹²

Uma reportagem do Jornal *Correio da manhã* do dia 1º de outubro de 1958, com o título “Encerramento do Seminário: algumas conclusões” destacou alguns dos aspectos das discussões: importância da participação do público; elaboração de atividades educativas, sem deixar de considerar na agenda do setor educativo, as atividades “clássicas”, que consistem em uma explicação da exposição feita por um mediador (hoje chamado de educador museal), porém que abram a educação a perspectivas mais amplas; valorização das visitas guiadas, auxiliada por outras mídias, como o cinema.¹³

Em 1960, o museu passa por mudanças de estrutura e funcionamento. O que foi defendido em 1958 demorou alguns anos para ser incorporado às práticas do museu e, alguns anos depois, os grupos escolares eram acompanhados pelas recepcionistas do museu. Já em 1968 foi instituído o Grupo de Trabalho Ação Educativa dos Museus. Três anos depois, o museu, em plena ditadura civil-militar, estava sem verba para sustentar um setor educativo exclusivo já que seu funcionamento estava subordinado a DHAL (Divisão de História Artística e Literária), isso se estendeu até o ano de 1973, em que foi fundado o Serviço de Educação no MHN.

No ano de 1976 ocorreram atividades diversificadas, dentre elas a criação de uma biblioteca infantil, a partir de uma demanda do setor educativo para suporte das atividades. Neste espaço aconteceu uma exposição formulada a partir de desenhos, pinturas e artesanato dos alunos e professores da Escola Municipal Maria Leopoldina. No mesmo ano também começaram a ser oferecidos novos cursos no museu, com os seguintes temas: “Cultura Latino Americana”, “Primeira República” e “Heráldica, Ciência e Arte”.

Conforme Studart (2003), a avaliação de público é primordial para que o educativo possa analisar suas ações e planejar melhorias¹⁴. No Museu Histórico

¹² CHAGAS, Mario. O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): sessenta anos depois. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 52, p. 11-27, 2020.

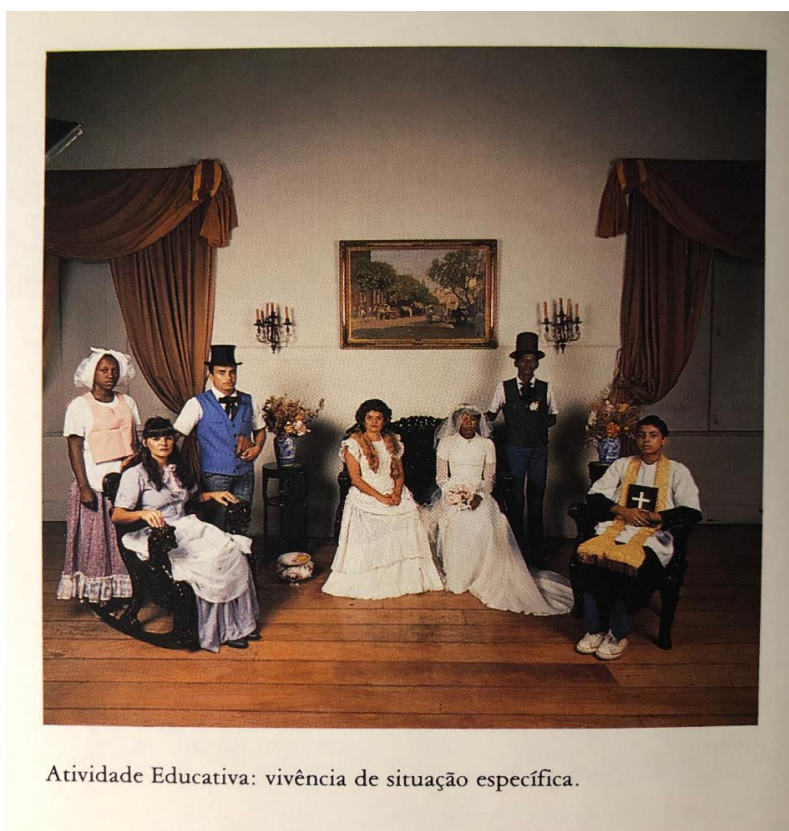
¹³ CHAGAS, Mario. Op. cit, 2020, p. 11-27.

¹⁴ STUART, D. et al. Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G. et al. (Org.) **Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003, p. 129-157.

Nacional, o primeiro relatório documentado foi o de Sigrid Porto Barros, uma conservadora do local, no ano de 1977, constando 24 visitas programadas, atendendo 730 alunos das redes pública e privada.

As primeiras coleções do MHN, fundado em 1922, apresentavam uma “história que enaltece feitos militares, religiosos, do Estado Nacional e seus agentes do governo”.¹⁵ Na década de 1980, sofreu alterações conforme o que acontecia no campo da museologia e historiografia, ocorrendo a reformulação da expografia e acervo da instituição, ampliando-a e diversificando-a com a inserção de objetos do cotidiano como eletrodomésticos e brinquedos.

Imagem 9 - Atividade Educativa: vivência de situação específica.



Atividade Educativa: vivência de situação específica.

Fotografia década de 1980.

Fonte: O Museu Histórico Nacional. São Paulo: Banco Safra, 1989, p. 20.

¹⁵ KNAUSS, Paulo; MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. Sobre colecionismo engajado no Museu Histórico Nacional. In: **Em contato: comunidades, cultura e engajamento. Museu da Imigração**, 2020, p.37. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/uploads/portal/avulso/arquivos/em-contato-pt-final-rev3-compressed-compressed-06-03-2020-13-25.pdf>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2022.

Na década de 1980, o Museu Histórico Nacional possuía planejamento para algumas ações educativas, dentre elas, segundo registros de relatórios específicos, o projeto “A vida social brasileira no final do século XIX”, retratado na figura acima. Contava com estagiários e funcionários do museu interpretando papéis de escravizados, senhores, etc dentro de um cenário de uma casa de família branca, ambientado no final do século XIX. Voluntários do grupo de visitantes entravam na cena, se necessário.

O objetivo era, a partir de uma apresentação teatral, debater assuntos ligados a história, propondo uma percepção das diferenças entre hábitos, situações e objetos daquele momento histórico comparado com os da atualidade. (TUBBS, 2016, p.17).

A divisão educativa intitulava-se como praticante de uma educação patrimonial, considerando o objeto como evidência histórica, portanto, fonte de ensino. Pode-se indagar quais eram os objetivos deste projeto, que buscava uma comparação entre passado e presente, colocando funcionários e visitantes negros para encenar papéis, incluindo o de escravizados, em determinada vivência referente ao período da escravidão no Brasil.

Ao promover experiências, vivências e convivências provocativas e incentivar reflexões sobre o presente, o passado, o futuro histórico e a diversidade cultural ao redor, o Museu pode mobilizar uma dimensão estética decisiva para a formação cultural crítica do sujeito em um mundo organizado para o espetáculo, (re)instituindo esse sujeito em seu lugar de protagonista e fonte de sentido cultural. (CASALI; PASQUALUCCI, 2020, p.1318).

Portanto, ao trazer para a cena algo do passado, apenas no intuito de comparação com o presente, não se promove nenhuma visão crítica sobre aquilo, mas sim, como era feita na atividade do MHN na década de 1980, ocorre uma naturalização de uma realidade colonialista e hegemônica, reforçando o racismo existente até os dias de hoje. Sendo assim, como dito por Castro (2015), se faz necessária a releitura do passado a partir de uma lente do presente, preocupando-se em provocar reflexões críticas, promovendo e visando a formação integral deste sujeito.¹⁶

¹⁶ CASTRO, Fernanda R. Há sentido na educação não formal na perspectiva da formação integral? **Museologia e Interdisciplinaridade**: v. IV, n.º 8. Dez de 2015.

A dita encenação do passado também pode ser vista pela disposição dos objetos expostos no museu. O processo de musealização de um objeto pode ser definido por: “operação de extração, física e conceitual, de uma coisa de seu meio natural ou cultural, conferindo a elas um estado museal - isto é, transformando-a em museália”¹⁷. Nos museus de história, como no caso do MHN, os objetos devem ser compreendidos como documentos históricos, ou seja, “fonte de informação e evidência de determinada situação cultural e histórica”¹⁸. Para que esse conglomerado de objetos tenha sentido, é necessária a pesquisa da equipe do museu naquele acervo para a formulação das exposições¹⁹.

É preciso se atentar ao fato de que o objeto musealizado está deslocado de seu sentido e uso convencional. Como bem destaca Ulpiano Bezerra de Meneses (1988), este termina em sua própria finalidade, fazendo com que, estando no museu, o objeto possa ser considerado evidência de uma dada sociedade. O objeto, acervo museológico de uma instituição, não muda, é permanente. No entanto, a sua documentação é que sofre mudanças conforme os novos olhares da sociedade sobre eles²⁰.

No artigo “Sobre o colecionismo engajado no MHN”, publicado ainda em 2020, os autores historiadores Paulo Knauss (Professor do departamento de História da UFF), Aline Montenegro Magalhães (Projeto de Pesquisa do MHN) e Rafael Zamorano Bezerra (Professor do mestrado da UNIRIO) abordam que o museu está fazendo um trabalho de abertura de seu acervo, pensando na população do entorno do museu, organizando curadorias coletivas e exposições participativas, considerando interesses e memórias de seus públicos em sua reconstrução.

A equipe educativa do MHN realizou um recente estudo sobre a presença negra no Museu Histórico Nacional²¹. Neste artigo, as autoras, Aline Montenegro

¹⁷ DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Op. cit., 2010, p. 48.

¹⁸ KNAUSS, Paulo; MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. Op. cit., 2020, p. 37.

¹⁹ Idem.

²⁰ MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento**. 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3959717/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20O%20objeto%20material%20como%20documento.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2022.

²¹ MAGALHÃES, Aline Montenegro; AZEVEDO, Erika; CASTRO, Fernanda; SANTANA, Stephanie. Notas sobre a Diáspora Africana na exposição e nas ações educativas do Museu

(Pesquisadora do MHN), Erika Azevedo (Educadora), Fernanda Castro (Educadora) e Stephanie Santana (Educadora), discorrem sobre a transformação ocorrida no museu, idealizada em 2003, chamada pela equipe da época de “modernização do MHN”, culminando na exposição permanente inaugurada em 2010, cujo objetivo era o de apresentar a história do Brasil de maneira unificada, com um percurso pré-estabelecido aos visitantes, com uma sequência²². Segundo a diretora do MHN naquela época, a historiadora Vera Tostes, a exposição deveria ser produzida apenas por funcionários do museu, sem consultar pessoas externas, mesmo que estas pudessem trazer contribuições importantes. Os educadores ficaram fora desse processo e a equipe, sem funcionários, passava por reformulações.²³

Desse modo, o piso térreo ficou dedicado às exposições temporárias e aquelas que possuem objetos de grande porte, como a “Do Móvel ao Automóvel: Transitando pela História”, voltada para meios de transporte terrestre, e a exposição localizada no pátio Epitácio Pessoa, mais conhecido como “Pátio dos Canhões”.

A partir da reformulação do espaço, foram reorganizadas também as exposições. Foram integradas as exposições modulares inauguradas entre 1987 e 1994: “Colonização e Dependência” (1987) e “Memória do Estado Imperial” (1992 a 2001), que ficavam no primeiro andar, e “Expressão, Ordem e Defesa” (1994), que ficava no térreo.

Registros apontam que o público visitante do museu se incomodava com a forma em que a história do Brasil era representada, afirmando que se depararam com três versões de “uma mesma história”²⁴, porém, a equipe do museu considerava que os três módulos eram fundamentais para que fosse interrompido o pensamento de que a história do Brasil seria composta por apenas uma narrativa.

Com isto, a exposição permanente foi pensada de forma que, por meio de um circuito único, os visitantes seriam livres para circular de um módulo a outro,

Histórico Nacional. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 51, 2019, p. 44-64.

²² Idem.

²³ TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. **90 Anos do Museu Histórico Nacional em Debate**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014, p.272.

²⁴ Idem, p.106.

escolhendo, assim, como seria sua própria visita, o que gostariam de ver, por onde começar e terminar. Na contramão desse argumento, segundo análise de Aline Magalhães, Erika Azevedo, Fernanda Castro e Stephanie Santana, a exposição organizada desta forma apenas fez com que o museu se parecesse cada vez mais com a forma na qual pensava Gustavo Barroso em sua formação. A exposição apresenta uma sequência linear e evolutiva, que começa com a população indígena e termina com a proclamação da República, e que abarcava uma “profusão de pinturas históricas, retratos de imperantes e aristocratas, armaria e outros símbolos e uma monarquia à moda européia nos trópicos”.²⁵

Imagem 10 - Sala parte do módulo expositivo: Construção da nação.



Sala parte do módulo expositivo, construção da nação. Fonte: site do Museu Histórico Nacional.

²⁵ MAGALHÃES, Aline Montenegro; AZEVEDO, Erika; CASTRO, Fernanda; SANTANA, Stephanie. Op. cit. 2019, p. 50.

Imagem 11 - Sala parte do módulo expositivo: Construção da nação.



Fonte: Imagem tirada pela autora Laura Marin Gonçalves em visita ao Museu Histórico Nacional. Abril de 2022

Imagem 12 - Sala parte do módulo expositivo: A cidadania em construção, 1889 à atualidade.



Fonte: Imagem tirada pela autora Laura Marin Gonçalves, em visita ao Museu Histórico Nacional. Abril de 2022.

No texto, as autoras reforçam ainda que não foi pensado um projeto educativo durante a construção da exposição em questão, apenas foi confeccionado um roteiro, sem propostas pedagógicas, que só foram elaboradas

apenas após a finalização da mostra. A partir disto, como o museu pode se reorganizar, tendo em vista a oportunidade das datas comemorativas do ano de 2022?

Para podermos estudar o impacto de um museu na sociedade de seu entorno, segundo Hooper-Greenhill (1999), não basta perguntarmos aos que frequentam o museu sobre o que pensam daquele espaço. Se faz necessário um olhar para aqueles que não entram na exposição por não se sentirem representados²⁶. Com isto, a democratização dos museus está relacionada, em partes, às ações como esta citada acima, realizada pela equipe do MHN. Ao trazer a história da comunidade do entorno para dentro, promove diálogo entre ambas as partes.

²⁶ HOOPER-GREENHILL, E. **The Educational Role of the Museum**. Londres: Routledge, 1999.

3. A pedagogia museológica e a Sociomuseologia: perspectivas teórico-metodológicas.

A museologia é responsável pelo destino daquilo que é relevante. (CARDOSO, 2014).

Para que o museu possa produzir um trabalho coeso, interdisciplinar e de acordo com as demandas da sociedade, é preciso que a sua cadeia operatória funcione segundo alguns pressupostos. Segundo Bruno, os dois setores fundamentais são: a Salvaguarda (conservação e documentação) e a Comunicação (exposição e ação educativo-cultural)²⁷.

A significação dada a cada exposição depende muito de seu planejamento conforme a abordagem de ensino-aprendizagem utilizada. Quando pensada na Abordagem de Transmissão, que possui sua maior influência no Behaviorismo²⁸, o conteúdo é transmitido de forma unilateral, de um comunicador para um ouvinte, desconsiderando os impactos sociais e culturais. Nesta abordagem aplicada aos museus, o visitante é um ouvinte passivo, enquanto o educador se torna um guia expositivo²⁹.

Outra abordagem pedagógica cultural que pode ser vista em museus é com base no Construtivismo³⁰, que “considera a sociedade como um espaço de símbolos e processos, em que a realidade é produzida, mantida, restaurada e transformada”. Esta considera a cultura e a educação interligadas num processo de compartilhamento, participação e associação. Aplicando ao espaço museal, esta abordagem se dá por meio de trocas entre os visitantes e o educador, que considera o interesse de quem está no espaço para conduzir a visita³¹.

O que ocorre em museus ditos normativos, quando existe um setor educativo, são as atividades baseadas no modelo da primeira abordagem citada acima. Desta maneira, não ocorre reflexão, participação, avaliação e crítica por

²⁷ BRUNO, Maria Cristina Oliveira. **Museologia. A Luta pela perseguição ao abandono**. São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2000.

²⁸ Teoria educacional Behaviorista: Sistematizada por Simón Bolívar, baseada no controle, na disciplina, na relação vertical entre professor e aluno. (SKINNER, 2006).

²⁹ HOOPER-GREENHILL, E. Op. cit. 1999.

³⁰ Teoria educacional Construtivista: Sistematizada por Jean Piaget, baseada na construção da aprendizagem do estudante ao longo de seus anos de escola, considerando seu interesse e conhecimentos prévios, enxergando a educação como uma troca. (COLL et al., 2009).

³¹ BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Op. cit. 2000.

meio do público nestes espaços, fazendo com que a narrativa dos fatos, sobretudo branca, hegemônica e eurocêntrica siga se perpetuando. Porém, ao exemplo do setor educativo do Museu Histórico Nacional, que possibilita inúmeras atividades, reflexões e discussões, um novo olhar e novas histórias estão sendo construídas neste espaço a partir da educação de troca, escuta ativa e participação nas decisões. Para isso ocorrer, além da cadeia operatória ³² em sintonia, é preciso uma interação com a comunidade, considerando que o museu é um espaço contínuo de aprendizagem.

As exposições permanentes do MHN, conforme citado acima, não foram pensadas a partir do diálogo com o educativo, mas si, receberam o olhar deste setor após finalizada. Hooper-Greenhill considera que, por mais que as exposições não partam de uma perspectiva educacional, são nelas que o objeto se torna fator de aprendizagem, a depender de como será interpretado, conforme as vivências prévias de cada um que o observa, suas crenças, valores e cultura. Atentando ao fato de que nenhuma narrativa é neutra, a narrativa expositiva do museu também não é. Com isto, por mais que as percepções acerca da museografia sejam diversas, o museu tem uma mensagem a ser comunicada, e esta deve ser pensada com base em fortes teorias pedagógicas que pautem suas ações e críticas.

Outro aspecto fundamental para que a abordagem cultural seja foco no setor educativo em transformação de um museu normativo é considerar o interesse do visitante antes de preparar uma visita. Considerando suas vivências e aprendizados prévios, a visita se torna mais interessante por aproximar o que está sendo exposto à vida de quem visita o espaço.³³

A cadeia operatória do MHN se modificou ao longo de sua história. A partir do início do processo de revitalização do museu, que ocorreu em 1985, sob a direção de Solange de Sampaio Godoy, a organização interna se dava da seguinte maneira: Divisão-Geral e Divisão-Adjunta; Chefias das divisões, compostas por departamentos, sendo eles: Departamento de Acervo - Divisão de Acervo Museológico, Divisões de Arquivo Histórico e Biblioteca, Setor de informática; Departamento de Controle e Preservação do Patrimônio - Divisões

³² BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Op. cit. 2000.

³³ HOOPER-GREENHILL, E. Op. cit. 1999.

do Controle do Patrimônio e de Conservação e Restauração; Departamento de Numismática - Divisão de Moedas, Divisão de Medalhística e Divisão de Filatelia; Departamento de Comunicação - Divisão de Estudos e Pesquisas, Divisão de Exposições, Divisão de Recursos Visuais, Divisão Educativa e Divisão de Aperfeiçoamento Técnico Cultural; Divisão Administrativas - Divisão de Recursos Humanos, Seção de Apoio Administrativo e Seção de Segurança.³⁴

Com o objetivo de ampliar a participação da sociedade civil, foi criada, em 1988. (ano da promulgação da Constituição) a Associação dos Amigos do Museu Histórico Nacional.³⁵ Pode-se observar, portanto, que a inserção do espaço museal era controlada, tendo por objetivo a captação de recursos, obras e realização de exposições. No catálogo do MHN de 1989 retrata a falta de recursos humanos e de verbas, destacando que, dentre as dificuldades, o museu buscava recursos para a resolução de questões mais emergenciais, como reformas na estrutura a partir de eventuais problemas.

Citando José Saramago em sua obra *Objeto quase*, o texto intitulado “O estatuto das coisas” dentro do catálogo do MHN de 2013, faz alusão a discussão também feita por Ulpiano Bezerra de Menezes e Walter Benjamin acerca de como o objeto está propenso a discussões e novos olhares, tendo em vista que ele se finaliza em sua própria existência, porém se relaciona dentro desse período incerto, com diversas gerações e seus inúmeros pontos de vista sobre as relações sociais. No texto inicial, afirma-se que:

[...] A grande contribuição do MHN, na atualidade, tem sido dar ferramentas a seu público para que ultrapasse a simples convivência permeada pelo afeto e deixe de olhar os objetos ali expostos como relicários (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2013, p.65)

Combatendo, assim, seu estigma de “culto da saudade”, criado pelo próprio Gustavo Barroso e sendo substituído para um novo olhar sobre o passado, a nova fase foi sintetizada pela equipe do museu, em 2013, na frase que está no final do circuito expositivo permanente da exposição: “A história é você quem faz”. No tópico a seguir, por meio da discussão do que o setor educativo desenvolveu de 2013 até os dias atuais, fica evidente que a forma em

³⁴ Consulta do catálogo: **O Museu Histórico Nacional** - São Paulo: Banco Safra, 1989. p. 17-21.

³⁵ Idem, p. 21.

que o circuito expositivo está organizado, mais suscita a museologia de Gustavo Barroso do que apresenta alternativas disruptivas como se tinha proposto.

Por acreditar na educação como meio de reflexão e criticidade, tendo conhecimento da posição do MHN, o setor educativo é um forte instrumento na construção deste novo olhar para o acervo da instituição. Com isto, é apresentada uma discussão acerca do panorama da educação museal no Brasil e seu papel na produção de contra narrativas em museus normativos, mediante o exemplo das ações que foram, e são, desenvolvidas no Museu Histórico Nacional.

4. A educação museal no Brasil e seus os desafios do Museu Histórico Nacional

As ações educativas foram institucionalizadas nos museus na primeira metade do século XX, tendo como pioneiro o Serviço de Assistência ao Ensino do Museu Nacional, implementado por Roquette Pinto³⁶. Outros setores educativos apenas foram institucionalizados na segunda metade do século XX, dentre eles, na década de 1950, o setor educativo do MHN. Posteriormente outros museus tiveram seus educativos consolidados, como a Pinacoteca do Estado de São Paulo na década de 1970, o Museu Lasar Segall e o Museu de Arte Contemporânea de São Paulo (MAC-USP), na década de 1980.³⁷

Durante todo esse período de história recente, a educação museal passou por diversas reformulações, discussões e reflexões decorrentes das práticas que ocorriam de acordo com seu contexto nos museus brasileiros. Com isto, a necessidade de sistematização surgiu. Este processo teve início na Declaração do Rio de Janeiro de 1958, documento da UNESCO escrito, como já mencionado anteriormente, a partir do encontro realizado na mesma localidade.³⁸

Outros documentos foram de extrema importância neste processo: As cartas e relatórios oriundos da Mesa Redonda de Santiago (1972), na qual ficou estabelecido que o museu tem papel fundamental na educação da comunidade, e os registros das discussões dos encontros do Conselho Internacional de Museus (ICOM) com o Movimento Internacional para Nova Museologia (MINOM).

As sistematizações mais recentes e que contribuíram para a construção, a partir de 2012, da PNEM (Programa Nacional de Educação Museal), foram a Política Nacional de Museus (PNM), de 2003, a Carta de Petrópolis, escrita durante o 1º Encontro de Educadores do Ibram em 2012 e o Plano Nacional Setorial de Museus (PNSM), do mesmo ano³⁹. O Documento Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal aponta como foi feito o processo de

³⁶ Edgard Roquette-Pinto (1884-1954) foi um médico legista, professor, escritor, antropólogo, etnólogo e ensaísta brasileiro.

³⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Documento Preliminar do Programa Nacional de Educação Museal**. São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/DOCUMENTO-PRELIMINAR1.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2022.

³⁸ idem.

³⁹ idem.

elaboração deste fundamental documento para a área, que se iniciou a partir de uma consulta pública, sendo construídos nove Grupos de Trabalho (GT) a partir da divisão de temas para discussão que posteriormente seriam agregados para a construção da PNEM.

O que assegura condições dignas ao trabalhador são as leis trabalhistas, no entanto, a profissão “educador museal” não é regulamentada, não está presente na LDB (Lei de Diretrizes e Bases) e nem possui lei específica. A PNEM (Política Nacional de Educação Museal) foi desenvolvida em 2011, com a Carta de Petrópolis e o IBRAM (Instituto Brasileiro de Museus) promovendo subsídios para a criação de um documento especificamente dedicado à Educação Museal. Elaborada durante encontros que reuniram estudiosos e teóricos da área, a Política é composta por 5 princípios, 19 diretrizes, o caderno da PNEM e um glossário com 13 termos e conceitos de referência⁴⁰, regulamentada pela portaria IBRAM n.º 605 de 10 de agosto de 2021⁴¹.

Dos seus 5 princípios destaco o 2º: “A educação museal compreende um processo de múltiplas dimensões de ordem teórica, prática e de planejamento, em permanente diálogo com o museu e a sociedade”⁴². Deste modo, fica evidente que se preocupar com novos olhares ao acervo se relaciona com a preocupação e importância do diálogo da sociedade e suas transformações dentro do espaço museal, sendo um dos objetivos da educação neste espaço promover essa troca.

Algumas das outras conquistas do campo são em prol de sua auto-organização, entre pesquisadores e trabalhadores, formando as REM (Redes de Educadores Museais), coletivos, movimentos e o CECA (Comitê de Educação e Ação Cultural) dentro do ICOM (Conselho Internacional de Museus). A consolidação do campo deve-se também pelo reconhecimento da sociedade civil, estabelecido através das relações com as equipes dos museus, a partir de seu contato próximo com o público.

⁴⁰ POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Documento Base**. Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br/documento-base/#_%20ftn1>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

⁴¹ BRASIL. **Portaria Ibram n.º 605, de 10 de agosto de 2021**. In.gov.br. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-ibram-n-605-de-10-de-agosto-de-2021-338090192>>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

⁴² POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Princípios**. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/principios/>>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

Durante a escrita deste trabalho, no primeiro semestre de 2022, o Museu Histórico Nacional apresenta uma concepção de equipe do Núcleo de Educação formada por 4 pessoas, dentre elas apenas duas com cargo regulamentado pelo IBRAM para trabalho a ser desempenhado no setor educativo, técnico educacional. Das outras duas pessoas que integram o setor, uma está encarregada de marcar os agendamentos de visitas em grupo e a outra realiza pesquisas de público.

No ano de 2016, uma parte das verbas destinadas para as olimpíadas possibilitou a gestão do historiador Paulo Knauss a realizar projetos e contratar uma equipe considerada ideal para o núcleo educativo do museu. Essa equipe contava com 4 pessoas contratadas pelo museu, 8 educadores terceirizados e uma estagiária.

O percentual de público escolar atendido pelo museu representa uma série de fatores. A relação “MHN-escolas” ocorre por meio das formações de educadores, visitas mediadas, que se dão de acordo com a necessidade de cada unidade escolar/professor.

O projeto “Encontro com Professores” visa ajudar os professores a conhecerem as possibilidades de aprendizagem que o circuito expositivo do MHN oferece, para que, mesmo na ausência de educadores para uma visita mediada, possam estabelecer relações com seus conteúdos em sala de aula, aproveitar melhor o espaço do museu, ocupá-lo.

Após a reforma de algumas rotas de acesso, o museu está isolado e isso dificulta o acesso do público em geral. Em 12 de abril de 2022 o museu realizou um “Encontro com Professores”, para entender e avaliar como está o retorno desse público ao museu após a sua reabertura em novembro de 2021. O tema deste encontro foi o bicentenário da Independência do Brasil, e contou com professores do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, além de graduandos em História. A atividade ocorreu a partir de uma proposta de atividade elaborada por uma professora de História que faz pesquisa no MHN, Denise Maria Deodato Silva, com o objetivo de, a partir de seus questionamentos, suscitar esse movimento nos outros colegas de profissão que ali se encontravam. Como no momento, em decorrência da falta de equipe, o MHN não está realizando visitas mediadas aos grupos escolares, o intuito é, enquanto não conseguem ter a

equipe de volta, retomar a formação dos professores para que eles próprios consigam trabalhar com o acervo em diálogo com suas salas de aula.

Outro recurso adotado pela equipe do museu para garantir a comunicação deste espaço com o público e também os professores foram os “Bondes da História”, realizados via remota. Diferentemente do modelo em que costumam acontecer (presencial), foram feitos 3 bondes em torno dos 3 grandes temas da exposição permanente: Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil República, no intuito de registrar esse conteúdo *on-line* para que os professores e outros interessados tenham acesso via plataformas digitais a uma visita mediada dentro deste espaço, explorando outras narrativas e questionamentos acerca deste acervo.

Os “Bondes da História”, projeto carro chefe do educativo do museu, surgiram a partir da vontade e interesses da equipe, em 2017, de traçar novos percursos em suas visitas mediadas. A justificativa parte do fato de que o MHN possui um acervo exposto muito volumoso, sua exposição de longa duração é, desde 2010, composta por quatro módulos: Oretetama; Portugueses no mundo 1415 - 1822; A construção da nação 1822 - 1889 e A cidadania em construção 1889 à atualidade. Sendo assim, planejam roteiros temáticos compostos por obras e objetos que podem estar em um ou mais destes módulos.

Uma das obras mobilizadas para o bonde foi a de D. Pedro II, 1858, que apresenta um rasgo, relatado na legenda do museu como “rasgo de golpes de espada no gabinete do ministro da guerra, ao ser proclamada a República. Como registro documental foi mantida a localização do rasgo”. Trata-se de um dos poucos exemplares musealizados de retratos do segundo monarca brasileiro que foi atacado quando ocorria a implantação do regime republicano, em novembro de 1889. O rasgo, que havia sido encoberto por uma restauração décadas atrás, foi novamente revelado aos olhos do público a partir da decisão de se manter a preservação da fissura ocasionada pelos republicanos mais exaltados, e as implicações que ocasionaram tal ação⁴³. O Bonde da História realizado a partir desta obra, possui o título “Que rasgo é esse?”, instigando os visitantes a

⁴³ Para uma discussão adensada sobre a ação de iconoclastia diante a imagem de Pedro II, vide também: NEVES, Juliana Garcia. **O Retrato de D. Pedro II do Museu Mariano Procópio. Entre a memória da Monarquia e a consolidação da República**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

conhecerem mais dessa história relatada de forma tão sutil ao lado do quadro no museu.

Imagem 13 - D. Pedro II, óleo sobre tela.



Fonte: Autoria desconhecida. *D. Pedro II*, óleo sobre tela, 1858, 115 x 88 cm. Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro.

O objetivo da equipe, a partir de pesquisas, sobretudo com base na dissertação de mestrado da historiadora Gabriela da Fonseca⁴⁴, é questionar aos visitantes se sabem o possível motivo pelo qual o quadro foi rasgado, discutir as ações de iconoclastia e qual a importância deste ato estar presente no museu. Com isso, o Projeto Bonde da História busca possibilitar novos debates através de intervenções, atividades e questionamentos.

Os bondes com os temas: 10 objetos que fizeram nossa história; Museus, Memória e Mulheres; Umbanda e História do Brasil; A Presença Negra no MHN;

⁴⁴ FONSECA, Gabriela. **Vandalismo é patrimônio: o quadro de D. Pedro II no Museu Histórico Nacional (2017-2018)**. Rio de Janeiro, 2019.

Mitos e mentiras do Brasil e Violências Históricas, reuniram mais de 200 pessoas diariamente⁴⁵, possibilitando aos visitantes reflexões sobre estes assuntos a partir de um acervo que, não necessariamente, seria relacionado aos mesmos, em decorrência do discurso expositivo hegemônico, eurocêntrico e colonialista do museu.

Desse modo, destaco a importância desta ação educativa a partir do próprio discurso e acervo exposto para o exercício crítico do olhar, construído em parceria com o público. Colocando o educador como curador para que, por meio de uma curadoria educacional da exposição, os olhares sobre ela sejam potencializados, a partir de teorias pedagógicas e intencionalidade, com a "experiência de uma consciência ativa", composta por recortes, interpretações e análise de sentidos.⁴⁶

Ao final do bonde, são feitas atividades e rodas de conversa, planejadas com fins "lúdicos e pedagógicos"⁴⁷. Ao pensar na inclusão das crianças, a equipe criou o "Bondinho da História", que conta com visitas, oficinas e contações de história, seguindo os mesmos princípios dos bondes. Durante a pandemia do Covid-19 (2020-2022), os bondes foram realizados de forma online e interativa, via *YouTube*, visando garantir o contato entre o público e o museu, mesmo com o espaço físico fechado temporariamente.

Todos esses recursos e projetos foram sendo desenvolvidos pela equipe do museu, principalmente a partir do ano de 2016. Uma das grandes lutas enfrentadas pelos educadores museais é a falta de sistematização de suas práticas. Como a maioria de sua formação ocorre nas ações do dia a dia, a documentação acaba sendo deixada de lado. A equipe do setor educativo do MHN, conseguiu se reunir para escrever um documento considerado por Hooper-Greenhill (1994) como fundamental: o PEC (Programa Educativo e Cultural), que consiste em apresentar o referencial teórico, objetivos, atribuições, diagnósticos, programas, projetos, metas, ações, indicadores e ferramentas de avaliação. Para que o setor educativo seja legitimado dentro da instituição, existe a criação de

⁴⁵ Informação retirada dos relatórios obtidos pelos educadores do MHN.

⁴⁶ MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação. **Revista do Departamento de Educação/UNISC**. Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 14, n.1, p.9-27, jan/jun de 2006, p. 9-27.

⁴⁷ POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Divisão educativa**. Disponível em: <<https://mhn.museus.gov.br/index.php/divisao-educativa/>>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

um programa educativo cultural, normalmente alocado dentro do plano museológico da instituição, junto aos programas das outras áreas, como: arquitetura, segurança, financeiro, etc. O setor educativo do MHN foi pioneiro no Brasil ao criar sua Política Educativa, citada no Programa Educativo e Cultural, porém está detalhada em um documento à parte.

A Política Educativa e Cultural (PEC) deve definir objetivos que possam ser facilmente indicados aos órgãos governamentais, promover um contexto para tomada de decisões, identificar prioridades que a equipe possa usar na tomada de decisões, identificar tarefas e ser suficientemente precisa para permitir que se desenvolva uma avaliação. Está estruturada da seguinte maneira: Princípios educativos institucionais, objetos do trabalho educativo, concepções teóricas e metodológicas (que norteiam o trabalho), conceitos orientadores dos programas, projetos e ações, delimitação das atribuições dos profissionais envolvidos no trabalho educativo e prioridades de atuação do Núcleo de Educação (NuEdu).

O documento se inicia com um breve histórico das ações educativas realizadas pelo museu. No período de 1922 a 1960 foi criada e consolidada a ação educativa dentro do espaço museal. De 1970 a 2003 ocorreram alterações na concepção e desenvolvimento do trabalho educativo, cada vez mais relacionado ao aprofundamento das discussões em torno da *Nova museologia* e seus reflexos na ação educativa nos museus. De 2003 até os dias atuais ocorreu a consolidação da Política Nacional de Museus (PNM), e o desenvolvimento da Política Nacional de Educação Museal (PNEM).

Com o desenvolvimento e consolidação dos dois documentos mencionados acima, foi possível a estruturação de um Programa Educativo e Cultural (PEC), a Política Educacional do Museu Histórico Nacional. Um dos principais objetivos da equipe do museu com a elaboração deste documento é torná-lo referência nacional em Educação Museal, seguindo o histórico educativo deste espaço.

Tendo em vista que o documento é de 2019, a situação atual do museu, em 2022, pós-pandemia do Covid-19, conta com apenas 2 educadores, diferente dos 6 servidores e 8 educadores terceirizados de diversas formações que constam no documento. É interessante notar de forma muito positiva a integração entre estas diversas áreas de estudo como psicologia, pedagogia, história da arte

e ciências sociais, fazendo com que se efetive um dos conceitos apontados como norteadores no próprio documento: a formação integral. Esta se dá à medida que existe uma preocupação com a educação do indivíduo em diversos níveis, partindo do princípio que a aprendizagem é um processo constante, focado a partir do interesse de quem está aprendendo.

A análise *swot*, ferramenta de gestão presente no documento, analisa as forças, fraquezas, ameaças e oportunidades, se mostra bem realista, deixando as intenções do museu aparentes, sem omitir suas dificuldades. Sobre os recursos físicos da instituição, o documento aponta que o NuEdu possui três salas administrativas, 10 computadores, 11 tabletes e uma sala de atividades com material de consumo e mobiliário na Casa do Trem no MHN. Este espaço está disponível na maior parte do tempo para estas atividades, e o setor se empenha para que este ou outro espaço seja propriamente destinado para as atividades educativas.

A pesquisa de público é considerada para um estudo sobre o que os visitantes buscam em sua visita ao MHN, sua profissão, se são moradores da cidade do Rio de Janeiro e quantas vezes já visitaram o museu, para que, a partir desses dados, consigam analisar quais temas chamam a atenção, ou não, de determinado grupo, possibilitando, assim, a elaboração de novas ações e cursos.

Outro projeto relacionado ao setor educativo do museu é o Curso Básico de Educação Museal, gratuito, realizado pelo Grupo de Pesquisa “Educação Museal: conceitos, história e políticas” em parceria com o Centro Cultural Light, sendo que a edição de 2022 ocorreu entre os dias 26 e 28 de julho, de forma presencial, no Centro Cultural Light e no MHN, e contou com uma série de conteúdos e reflexões sobre a importância da luta do campo da educação museal, para que o educador consiga realizar seu papel e função de planejar, executar e avaliar ações, projetos e cursos.

Em setembro de 2020, o MHN publicou o primeiro volume dos 6 livros sobre educação museal. Separados por temas, consistem em artigos de pesquisadores da instituição e fora dela, que buscam refletir sobre conceitos, histórico, políticas e práticas deste campo, desejando consolidar um dos objetivos da caminhada para a profissionalização do educador museal: o registro de suas

práticas, visando que sejam aprimoradas e estudadas, partindo de suas próprias vivências.

5. Exposição “Brasil decolonial: outras histórias”: um caminho para pensar a reformulação dos acervos em 2022

Ser decolonial dentro da museologia é confrontar narrativas criadas pelo colonialismo e mantidas pela colonialidade⁴⁸, ou seja, criticar um saber hegemônico, europeu e normativo.

Mignolo (2008) advoga pela desobediência epistêmica, um processo que implica desobedecer aos saberes instituídos e reconhecer os saberes dos povos historicamente subalternizados pela modernidade europeia e pelo processo colonial. (MIGNOLO, 2017, p. 8-18).

Para que estes povos que foram subalternizados tenham a possibilidade de contar suas próprias histórias, é preciso que exista a desobediência epistêmica do que já está posto, como movimento de retomada, restituição e reconhecimento. Judite Primo (2021a) utiliza da Pedagogia da libertação de Paulo Freire (1974) e da Pedagogia Decolonial de Catherine E. Walsh (2013) para explicar três frentes de atuação decolonial possíveis dentro do espaço museal, são elas: restituição de bens patrimoniais; reparação histórica e reconhecimento histórico.⁴⁹

Com base nas ações e trajetórias da equipe de educação e pesquisa do Museu Histórico Nacional mencionadas anteriormente, como combater a colonialidade por meio de estratégias decoloniais neste espaço? Podemos começar a responder essa pergunta a partir do reforço da importância de uma legislação pautada em teorias pedagógicas, para que os objetivos de aprendizagem estejam coerentes e embasados, assim, também, servindo como respaldo para atividades críticas e questionadoras.⁵⁰

O Museu Histórico Nacional possui em sua PEC sua missão educativa institucional, que coloca o objetivo do setor como:

⁴⁸ MIGNOLO, W. (2017). Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.32, n.94, junho, 2017, p. 8 - 18.

⁴⁹ PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mario. **Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do Mundo**. Op. cit. Lisboa, 2021. p. 35

⁵⁰ MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes Plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. São Paulo, 2011, p. 390.

Promover a apropriação do patrimônio cultural musealizado, a formação integral dos visitantes, o desenvolvimento de sua consciência histórica e senso crítico, com vistas à emancipação humana e à transformação da sociedade, por meio da Educação Museal. (MUSEU HISTÓRICO NACIONAL, 2020, p.33).

A partir desta missão, o museu realiza ações como a exposição “Brasil decolonial: outras histórias” (2022), visando, como diz o nome, a formação integral do ser humano, seu senso crítico e sua emancipação. Isto está relacionado à capacidade e possibilidade crítica de uma instituição centenária de repensar e reformular olhares para sua exposição permanente, pensando em novos usos e formas expositivas de seu acervo.

No vídeo de apresentação da exposição⁵¹, a equipe responsável pela curadoria, as historiadoras Aline Montenegro (Projeto de Pesquisa do MHN), Brenda Coelho (UNIRIO), Fernanda Castro (Coordenadora do Educativo MHN), Keila Grinberg (UNIRIO), Márcia Chuva (UNIRIO) e a docente do curso de Letras da UNIFESP, Leila Aguiar, afirmam decolonizar, como “um verbo, uma atitude”, a partir de releituras, proposições, para além das intervenções na exposição permanente. A exposição também propõe um diálogo entre artistas contemporâneos, como Rosana Paulino com a obra “Das avós”, 2019⁵².

A exposição-intervenção “Brasil decolonial: outras histórias” se deu em função de uma parceria entre pesquisadores do Museu Histórico Nacional, da UNIRIO e do Projeto Echoes. Este projeto buscou “decolonizar o pós-colonial”, a partir dos patrimônios em disputa de um grupo de pesquisadores com foco em cidades ao redor do mundo que possuíam ligação com o passado colonial europeu. As cidades, campo de atuação do projeto são: Rio de Janeiro, Lisboa, Nuuk, Copenhague, Bristol, Cidade do Cabo, Marselha, Xangai, Amsterdã e Varsóvia⁵³. Como esclarece o texto informativo:

ECHOES aborda um dilema presente no coração da Europa contemporânea: o fato de que, embora a história dos impérios e do colonialismo constitui indubitavelmente um passado europeu compartilhado, esse passado permanece estranhamente silencioso nas

⁵¹ **“DECOLONIZAR: um verbo, uma atitude”** - Exposição "Brasil decolonial: outras histórias". [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/ZVhQevYSY9Y>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁵² **Das avós (2019)**, de Rosana Paulino. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9-V3n1cPnll>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

⁵³ **PROJECT ECHOES**. National Historical Museum. Disponível em: <<https://projectechoes.eu/consortium/national-historical-museum/>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

narrativas oficiais sobre o 'patrimônio' da Europa. Argumentamos que a UE precisa urgentemente não apenas reconhecer esse fenômeno, mas incluí-lo reflexiva e progressivamente no centro de sua identidade. (PROJECT ECHOES, 2022).

O grupo de trabalho que envolve o MHN é o chamado “pacote de trabalho 4”, organizado por pesquisadores do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, que visa, desde 1978, quando foi fundado, desenvolver investigações para uma “sociedade inclusiva, inovadora e reflexiva, promovendo abordagens críticas criativas face a alguns dos desafios mais prementes das sociedades contemporâneas”. Este grupo de trabalho investiga a relação entre Lisboa e Rio de Janeiro, no que diz respeito aos olhares para os patrimônios que fazem referência ao mesmo período temporal, com visões diferentes sobre os mesmos acontecimentos, seus impactos e atores nas duas cidades.⁵⁴

A foto abaixo corresponde a uma das intervenções pensadas pela equipe curadora da exposição junto ao projeto Echoes, na exposição permanente do MHN. O poder questionador que ocorre ao riscar e escrever por cima do que já está posto, fazendo com que, por meio da comparação, o visitante possa perceber a diferença e perigo dos termos que estavam ali anteriormente.

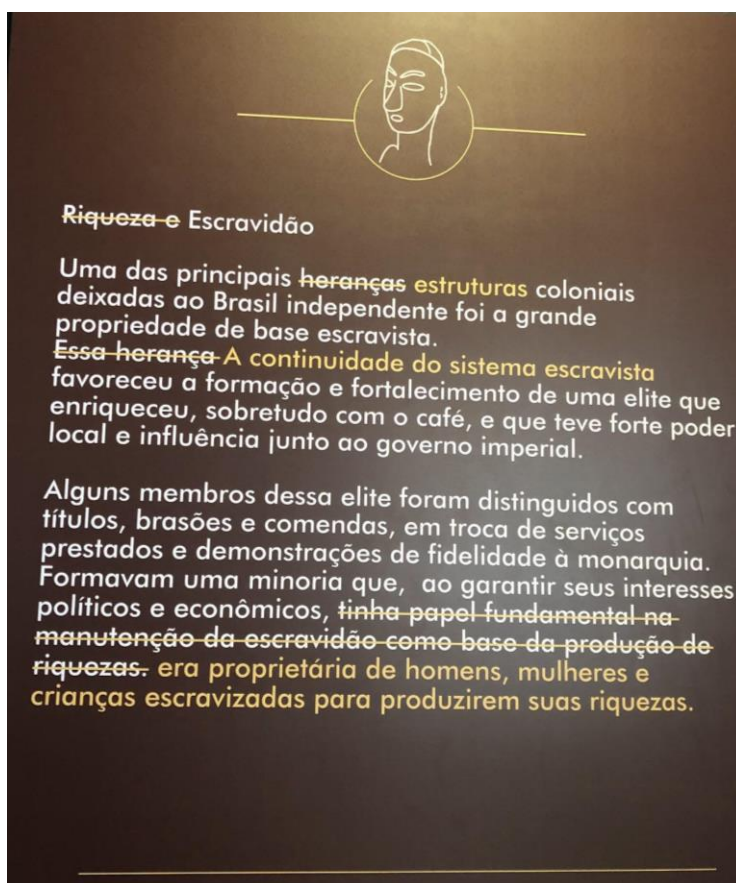
⁵⁴ Texto presente no pátio de entrada do MHN, como abertura da exposição- intervenção: “O Museu Histórico Nacional e o projeto ECHOES - Modalidades de Patrimônio Colonial Europeu em Cidades Entrelaçadas - oferecem ao público a exposição *Brasil decolonial: outras histórias*. O MHN foi criado em 1922, nas comemorações dos 100 anos da Independência do Brasil. Como instituição pública federal, tornou-se referência na construção e difusão de uma narrativa tradicional sobre a história do Brasil, pacificadora dos históricos conflitos de raça, classe e gênero, promovendo continuidades do discurso colonial até hoje presentes na sociedade brasileira. Assumimos então um desafio com o MHN: confrontar-se com outras narrativas expondo as escolhas do Museu, que se abre para a construção e disseminação de novas interpretações sobre a História do Brasil.

Contar histórias para quê? Não mais para a construção de uma identidade nacional excludente e homogênea, mas para provocar a reflexão e o debate sobre memórias sensíveis de violência, silenciamentos e invisibilização de experiências que não encontram lugar no modelo apaziguador e conciliatório que predomina na narrativa do Museu. Nesta exposição, as intervenções artísticas e textuais nos ajudam a pensar sobre injustiças e desigualdades que assolam o nosso presente, especialmente relacionados ao racismo estrutural da sociedade brasileira.

O MHN torna-se, mais uma vez em sua história, pioneiro no campo museológico brasileiro, ao aceitar o desconforto de questionar o seu lugar, assumindo uma atitude inovadora - decolonial.

Foram feitas 19 intervenções ao longo do circuito da exposição de longa duração do MHN, lançando perspectivas problematizadoras e criando novas possibilidades de leitura. Dentre elas, escolhemos como marca desta exposição a *Maria Cambinda*, devido ao seu percurso dentro do Museu: de ilustração alegórica do continente africano, passa agora a ocupar seu devido lugar, representando protagonismos negros no Brasil”.

Imagem 14 - Texto de parede: Riqueza e Escravidão.



Fonte: Texto de parede. Foto tirada pela autora, Laura Marin Gonçalves, durante visita ao Museu Histórico Nacional em abril de 2022.

A exposição foi pensada no modelo de intervenção para que pudesse colocar, ao lado da visão que o museu apresenta, outras leituras. A disponibilidade do Museu Histórico Nacional em se expor ao confronto demonstra o objetivo da equipe em tornar este espaço decolonial. Ao compreender “decolonizar” como o ato de confrontar narrativas, a intervenção no painel Riqueza e Escravidão ocorreu com a correção de um texto de parede, alterando termos, possibilitando a transformação da visão que era do colonizador, para inserir as vozes silenciadas, com o objetivo de “reconhecer sujeitos onde só se enxergavam objetos”⁵⁵.

⁵⁵ Fala de Márcia Chuva, no minuto 2:49 in **“DECOLONIZAR: um verbo, uma atitude”** - Exposição "Brasil decolonial: outras histórias". [S.l.:s.n.], 2022 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/ZVhQevYSY9Y>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

A imagem abaixo retrata o conjunto de 6 obras de Leandro Joaquim (1738-1798)⁵⁶, membro da Escola Fluminense de Pintura, pintor do Vice-Reino. Os 6 painéis foram encomendados para o Pavilhão de Apolo, localizado no Passeio Público do Rio de Janeiro. Estas obras recebem uma placa-intervenção do projeto, destacando que Leandro Joaquim era um pintor negro, juntamente a Mestre Valentim e Padre José Maurício, exemplos de protagonistas negros deste momento histórico na pintura.⁵⁷

Imagem 15 - Pinturas de Leandro Joaquim (1738-1798).



Fonte: foto tirada pela autora, Laura Marin Gonçalves em visita ao Museu Histórico Nacional em abril de 2022.

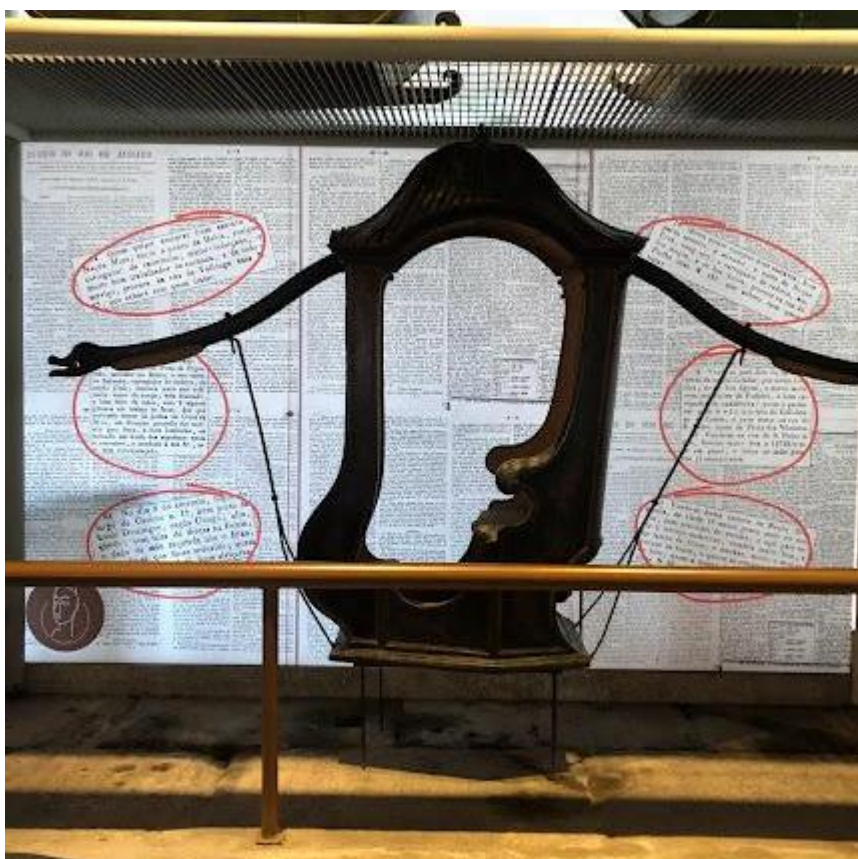
Outras notáveis intervenções foram os escritos retirados de jornais da época da escravidão no Brasil, colocados atrás de uma das liteiras presente na exposição “Do móvel ao automóvel”, no andar térreo do MHN. Serviam para transportar pessoas importantes pelas ruas das cidades, carregados por

⁵⁶ Transcrição da Intervenção do Projeto ECHOES, com a inserção de um texto de parede ao lado das pinturas: “Leandro Joaquim (1738-1798), destacou-se na pintura, na cenografia e na arquitetura. Artistas como ele, Mestre Valentim e Padre José Maurício são exemplos do protagonismo de negros que se notabilizaram por seus saberes e ofícios. Mesmo tendo se consagrado como importante representante da denominada cultura erudita ocidental, pouco sabemos sobre sua trajetória. Leandro Joaquim foi membro da Escola Fluminense de Pintura, atuando como pintor do Vice-Reino”.

⁵⁷ Informações retiradas do texto de parede - intervenção que está localizado ao lado das obras no MHN.

escravizados, é colocado de maneira abundante e em tom de naturalidade em meio a história dos automóveis na exposição.⁵⁸ Ao colocar os escritos com as notícias - que veiculavam compra e venda de escravizados, os mencionando como mercadorias, sem seus nomes - evidência e revisita a problemática de: quem eram aquelas pessoas que estavam ali conduzindo estas cadeiras de arruar? Se não tinham direito ao próprio nome?

Imagem 16 - Liteira.



Fonte: Foto tirada na exposição “Do móvel ao automóvel”. Uma das intervenções do Projeto ECHOES, em parceria com o MHN e a UNIRIO, dentro da exposição “Brasil decolonial: outras histórias”. Foto tirada pela autora, Laura Marin Gonçalves em visita ao Museu Histórico Nacional, em abril de 2022.

A Pedagogia Decolonial⁵⁹ no espaço museal é fundamental para que este espaço possa educar a partir da desnaturalização do olhar. Esta exposição é um

⁵⁸ **‘DECOLONIZAR: um verbo, uma atitude’** - Exposição "Brasil decolonial: outras histórias". [S.l.: s.n.], 2022. Disponível em: <<https://youtu.be/ZVhQevYSY9Y>>. Acesso em: 22 jul. 2022.

⁵⁹ WALSH, Catherine E. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones AbyaYala, 2013, p. 553.

claro exemplo de prática decolonial, assim como mencionado acima, pela coragem do Museu Histórico Nacional em rever suas próprias práticas e discursos expositivos, dando voz às histórias presentes nas ausências.

6. Considerações finais

A trajetória do setor educativo do Museu Histórico Nacional só foi, e está sendo construída dessa forma em decorrência da persistência e luta de educadores museais e pesquisadores, muitas vezes realizando ações sem a devida verba e apoio dentro da própria instituição.

O setor educativo, assim como os educadores museais, precisam ter seus direitos, tais como profissionalização e verba garantida. Isso só será possível a partir do momento em que a função educativa do espaço museal for devidamente reconhecida, quando na definição de museu estiver inserida a dimensão educativa, significa que neste local há educação, porém pode não possuir propostas pedagógicas, já quando se fala na nova definição de museu sobre sua função educativa, discorre-se sobre a intencionalidade dos projetos educativos, de cunho pedagógico.⁶⁰

Podemos relacionar a releitura crítica dos acervos à teoria de Basil Bernstein, sociólogo inglês que apresenta o caminho que os conteúdos didáticos percorrem até chegar às salas de aula.⁶¹ Martha Marandino utiliza a teoria de Bernstein, mas aplicada ao museu, para explicar que os conteúdos científicos passam por uma recontextualização para estarem nos museus concentrando, ali, o que faz sentido, de acordo com a temática abordada por cada museu. Para que estes conteúdos sejam acessíveis a todos os públicos, como idosos, crianças, pessoas com deficiência, baixa renda e LGBTQIA+, precisam passar por novas contextualizações, estas realizadas pela equipe educativa em cada ação com determinado público, para que possam estabelecer relações e se sentirem pertencentes àquele espaço.⁶²

Ações como os “Bondes da História” e a exposição “Brasil decolonial: outras histórias” possibilitam a contextualização destes chamados conteúdos, expostos por meio das narrativas, dos textos de parede, da disposição dos

⁶⁰ CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias; COSTA, Andrea. **Por uma educação museal no Brasil in Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2020, p.15.

⁶¹ BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

⁶² MARANDINO, Martha. **Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo**. 2015, p.698.

objetos e material educativo. Assim, os educadores fazem com que seja estabelecido um diálogo (uma ponte) entre público e museu, a partir do momento que aquele conteúdo está acessível.

Representatividade é construção, envolvendo escuta e troca. Para tal, utilizando como modelo as práticas que foram e estão sendo citadas neste artigo, o MHN está sendo atualmente dirigido por uma educadora, Fernanda Castro, que, juntamente a equipe do museu, pretende colocar em prática algo que já estava nos planos e metas há alguns anos: revisitar a exposição permanente da instituição, alterando por completo seus módulos, com o objetivo de fazer com que haja uma coerência entre o discurso expositivo e o discurso educativo.

Considerando que o museu está no ano de seu centenário, projetos idealizados estão sendo colocados em prática. Por mais que a equipe possua pesquisas e seu discurso embasados em teorias pedagógicas críticas e reflexivas como as de Freinet, Dewey e Paulo Freire, para a reformulação citada anteriormente, o museu está disposto a abrir rodas de conversa e de escuta para entender, acolher e construir junto, a partir das demandas dos grupos que estão ou não representados na atual conjuntura.

Na reformulação do antigo módulo “Oreretama”, foram chamados grupos originários que possuem objetos pertencentes a sua história no acervo. Foram convidados ao espaço do museu para que fosse feito um estudo dos objetos e desenho de uma nova forma de exposição, por meio de uma curadoria colaborativa⁶³, para que a história seja contada por seus próprios atores.

Assim se seguirá a reformulação e reconstrução deste espaço, a partir de rodas de conversa, atendimento às demandas, fazendo com que se torne espaço de narrativas plurais. Trazendo para dentro quem não entrava, por não se sentir parte dessa(s) história(s) mais plurais e inclusivas.

O caminho, como relatado ao longo do texto, é longo. Porém, tirar a visão do colonizador dos espaços museais que ocupam o lugar de tradicionais é urgente.

⁶³ CURY, Marília Xavier. Circuitos museais para a visita crítica: descolonização e protagonismo indígena. **Revista Iberoamericana de Turismo- RITUR**, Penedo, V. 7, Dossiê Número 3, dez. 2017, p. 87-113. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/download/4175/2997>>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

Considero, portanto, que as estratégias abordadas pelo MHN podem servir de exemplo para (re)pensar acervos, principalmente em 2022, momento em que estamos vivenciando a vinda do coração de Dom Pedro I ao Brasil, para a comemoração do bicentenário da Independência. Qual é a visão que foi e segue sendo mantida nestes espaços acerca de nosso passado colonial? Quais são as suas influências que seguem impedindo inserções de (tantas) vozes e (outras) histórias?⁶⁴ O que estamos celebrando, afinal?

Por fim, acredito que cabe aos educadores museais seguirem no movimento de união, articulação e luta por nossa profissionalização, diretos e voz assegurada dentro dos espaços culturais que ocupamos, para que, assim, o senso crítico seja instrumento contra a desinformação e a manutenção de histórias excludentes.

⁶⁴ Meneguello, C. Comentário I: Menos certezas, mais vozes: o gesto curatorial frente a novas demandas sociais. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, 29, 1-10, 2021.

7. Referências

ABREU, Regina. **A fabricação do imortal**. Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única** São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

BERNSTEIN, Basil. **A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

BRASIL. **Portaria Ibram n.º 605, de 10 de Agosto de 2021**. In.gov.br. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-ibram-n-605-de-10-de-agosto-de-2021-338090192>>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira Bruno. **Museologia. A Luta pela perseguição ao abandono**. São Paulo. Museu de Arqueologia e Etnologia, 2000.

CARVALHO, Nair de Moraes. Papel Educativo do Museu Histórico Nacional. **Anais do Museu Histórico Nacional**, v. VIII. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1957. P.18-30. [Volume atribuído ao ano 1947].

CASALI, Alípio.; PASQUALUCCI, Luciana. Museu e formação cultural: inovação curricular na contemporaneidade. **Revista e Curriculum**, 2020, v. 18, n. 3, p. 315-1335. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/49071>>.

CASTRO, Fernanda R. Há sentido na educação não formal na perspectiva da formação integral? **Museologia e Interdisciplinaridade**: v. IV, n.º 8. Dez de 2015.

CASTRO, Fernanda; SOARES, Ozias; COSTA, Andrea. Por uma educação museal no Brasil in **Educação museal: conceitos, história e políticas**. Rio de Janeiro, Museu Histórico Nacional, 2020.

CHAGAS, Mario. O Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos museus (1958): sessenta anos depois. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 52, p. 11-27, 2020.

COLL, Cesar; MARTIN, Elena, MAURI, Teresa et. al. **Construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2009.

Consulta do catálogo: **Museu Histórico Nacional**. São Paulo: Olhares, 2013.

Consulta do catálogo: **O Museu Histórico Nacional**. São Paulo, Banco Safra, 1989.

CURY, Marília Xavier. Circuitos museais para a visitação crítica: descoloniza o e protagonismo indígena. **Revista Iberoamericana de Turismo**. RITUR, Penedo, v. 7, Dossiê Número 3, dez. 2017, p. 87-113. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/download/4175/2997>>. Acesso em: 27 de maio de 2022.

Das avós (2019), de Rosana Paulino. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9-V3n1cPnll>>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

'DECOLONIZAR: um verbo, uma atitude - Exposi o "Brasil decolonial: outras histórias". [S. l.: s. n.], 2022. Disponível em: <https://youtu.be/ZVhQevYSY9Y>. Acesso em: 22 de julho de 2022.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. **Key Concepto of Museology**. ICOM, 2010. Disponível em: <http://icom.museum/fileadmin/user_upload/pdf/Key_Concepts_of_Museology/Museologie_Anglais_BD.pdf>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2022.

Divisão educativa. Museu Histórico Nacional. Museus.gov.br. Disponível em: <<https://mhn.museus.gov.br/index.php/divisao-educativa/>>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

FARIA, Ana Carolina Gelmini de. **O caráter educativo do Museu Histórico Nacional: O curso de museus e a constru o de uma matriz intelectual para os museus brasileiros**. Rio de Janeiro, 2013.

FONSECA, Gabriela. **Vandalismo   patrim nio: o quadro de D. Pedro II no Museu Histórico Nacional (2017-2018)**. Rio de Janeiro, 2019.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Vendo o passado: representa o e escrita da história. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material** [online]. 2007, v. 15, n. 2, p. 11-30.

HOOPER-GREENHILL, E. Education, communication and interpretation: towards a critical pedagogy in museums. In: **The Educational Role of the Museum**, Londres: Routledge, 1994.

HOOPER-GREENHILL, E. **The Educational Role of the Museum**. Londres: Routledge, 1999.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Diretrizes**. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2014/11/Diretrizes-TODAS.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Documento Preliminar do Programa Nacional de Educa o Museal**. Brasília, 2013. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/wp-content/uploads/2012/08/DOCUMENTO-PRELIMINAR1.pdf>>. Acesso em 29 de maio de 2022.

KNAUSS, Paulo; MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano. Sobre colecionismo engajado no Museu Histórico Nacional. In: **Em contato: comunidades, cultura e engajamento**. Museu da Imigração, 2020. Disponível em: <<http://museudaimigracao.org.br/uploads/portal/avulso/arquivos/em-contato-pt-final-rev3-compressed-compressed-06-03-2020-13-25.pdf>>. Acesso em 3 de fevereiro de 2022.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. **Culto da saudade na casa do Brasil: Gustavo Barroso e o Museu Histórico Nacional (1922-1959)**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.

MAGALHÃES, Aline Montenegro. Evocação do passado e entendimento da história nacional. In GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado & RAMOS, Francisco Régis Lopes(org.). **Futuro do pretérito: escrita da história e história do museu**. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar, p. 337-365, 2010.

MAGALHÃES, Aline Montenegro; AZEVEDO, Erika; CASTRO, Fernanda; SANTANA, Stephanie. Notas sobre a Diáspora Africana na exposição e nas ações educativas do Museu Histórico Nacional. In: **Anais do Museu Histórico Nacional**, Rio de Janeiro, v. 51, p. 44-64, 2019.

MARANDINO, Martha. **Análise sociológica da didática museal: os sujeitos pedagógicos e a dinâmica de constituição do discurso expositivo**. Educação e Pesquisa, v. 41, n. 3, p. 695-712. São Paulo, 2015.

MARTINS, Luciana Conrado. **A constituição da educação em museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico por meio de um estudo comparativo entre museus de artes Plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. São Paulo, Missão Educativa Institucional - Programa Educativo Cultural (Política Educacional), 2011.

MARTINS, Mirian Celeste (coord.). Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação. **Revista do Departamento de Educação/UNISC**. Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 14, n.1, p.9-27, jan/jun de 2006.

Meneguello, C. Comentário I: Menos certezas, mais vozes: o gesto curatorial frente a novas demandas sociais. **Anais Do Museu Paulista: História E Cultura Material**, 29, 1-10, 2021.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. **O objeto material como documento**. 1998. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3959717/mod_resource/content/1/BEZERRA%20DE%20MENESES%2C%20U.%20T.%20O%20objeto%20material%20como%20documento.pdf>. Acesso em 21 de maio de 2022.

MIGNOLO, W. Colonialidade: O lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.32, n.94, junho, 2017.

MOUTINHO, Mario; PRIMO, Judite. Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do Mundo in **Teoria e prática da Sociomuseologia**. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED). Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Catedra UNESCO “Educação Cidadania e Diversidade Cultural”. Lisboa, 2021.

Museu Histórico Nacional. **Guia do Visitante**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e da Cultura, 1957.

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. **Plano Museológico**. Rio de Janeiro, 2020.

NEVES, Juliana Garcia. **O Retrato de D. Pedro II do Museu Mariano Procópio. Entre a memória da Monarquia e a consolidação da República**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Documento Base**. Disponível em: <https://pnem.museus.gov.br/documento-base/#_%20ftn1>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

POLÍTICA NACIONAL DA EDUCAÇÃO MUSEAL. **Princípios**. Disponível em: <<https://pnem.museus.gov.br/principios/>>. Acesso em: 9 de maio de 2022.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mario. **Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do Mundo**. Lisboa, 2021a.

PRIMO, Judite; MOUTINHO, Mário. **Teoria E Prática Da Sociomuseologia**. Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento (CeIED), Departamento de Museologia-Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Catedra. Lisboa, 2021b.

Project Echoes. **National Historical Museum**. Disponível em: <<https://projectechoes.eu/consortium/national-historical-museum/>>. Acesso em: 29 de maio de 2022.

SKINNER, B. F. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo: EPU, 2006.

STUDART, D. et al. **Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas**. In: GOUVÊA, G. et al. (Org.) Educação e Museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciências. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2003.

TOSTES, Vera Lúcia Bottrel. **90 anos do Museu Histórico Nacional em debate**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014.

TUBBS, Diogo Guarnieri. **Contribuição a trajetória educativa do Museu Histórico Nacional: levantamento das ações 1985-1989**. Rio de Janeiro, 2016.

WALSH, Catherine E. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones AbyaYala, 2013.